



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

KELLI GUIDOTTI SOARES

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-428

Entrevistadoa: Kelli Guidotti Soares

Nascimento: 16/05/1971

Local da entrevista: Câmara Municipal de Vereadores - Pelotas

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 31/05/2014

Transcrição: Eliana Ribeiro de Freitas

Copidesque: Suélen de Souza Andres

Pesquisa: Eliana de Freitas e Pamela Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 19 minutos e 48 segundos

Páginas Digitadas: 7

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Trajectoria da filha, Luana Soares do Amaral no futebol; Futebol feminino em Pelotas, Rio Grande do Sul; Apoio da família; Convocação para seleção brasileira sub-15; Competições com meninos; Investimento da família; Apoio ao futebol feminino.

Pelotas, 31 de maio de 2014. Entrevista com Kelli Guidotti Soares a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Boa tarde, Kelli. Gostaria que você contasse um pouquinho da trajetória da Luana¹ no futebol.

K.S. – A Luana começou a jogar desde muito cedo, em casa, com o pai, com o irmão. Começou a ficar habilidosa com a bola. Ela jogava no Clube Centro Português, eles promoviam torneios de futebol todos os sábados, mas só para homens. Ela ia todos os sábados para lá, passava a tarde inteira jogando futebol entre os meninos. Às vezes, quando os meninos viam ela, não conheciam, e ai deixavam ela de lado. Depois quando a viam jogar, ela virava titular no time. [risos] Ela começou a se tornar conhecida, falavam dela assim: “Aquela loirinha que joga futebol no Centro Português”. Ela começou a jogar futebol de salão, no Paulista², entre os meninos também, pois não havia time de salão feminino, muito menos, para a idade dela. Então ela começou a jogar e conseguia acompanhar os guris tranquilamente. Até que ela foi, sem idade suficiente ainda, para o Gonzaga³. O Felipe⁴ fazia muita propaganda da irmã, pois era muito orgulhoso, ele disse isso para o professor de futsal da escola Gonzaga, então, o professor falou para ele que se sua irmã era tão boa assim, era pra ele levar ela lá na escola, para o professor a conhecer. Se ela jogasse tudo isso eles davam percentual de desconto para os alunos que seriam atletas da escola. E realmente nos deram um percentual de desconto para ela jogar pela escola, junto com os meninos, sempre, pois não havia time feminino. Começou a jogar na [palavra inaudível], pois havia uma menina que jogava nesse time e que o avô dela treinava. Foi lá que o Marcos⁵ a conheceu. Esse avô da menina que indicou pra ela ir com o Marcos, pois o Marcos havia um trabalho muito forte com o futebol feminino. No entanto, ela não tinha idade, nem tamanho para jogar futebol de campo. Ela tem 12 anos atualmente... Ela com 11 anos, ano passado, jogou com as adultas. Fazia um mês que ela

¹ Luana Soares do Amaral

² Paulista Futebol Clube.

³ Colégio Gonzaga.

⁴ Felipe Soares do Amaral.

⁵ Marcos Planela Barbosa.

estava no campo, ela não tinha feito uma coletiva ainda e a CBF⁶ veio a Pelotas olhar. Ela foi e eles gostaram dela. A gente nunca imaginou. Ela passou duas semanas na Granja Comary. Ela só tinha 11 anos de idade. Eu como mãe, precisei ter desapego, pois ela saiu daqui de Pelotas e a gente a levou até Porto Alegre e de lá ela foi sozinha porque ela teria que ir com as outras meninas que haviam sido convocadas, de Porto Alegre. Tu acreditar e deixar ir e ficar 15 dias com pessoas que tu não tens menor ideia de quem sejam. Se fosse com o Marcos de Pelotas seria outra coisa, mas não. Ela muito pequena, novinha, fazendo pelo prazer de jogar realmente. Ainda perdeu um voo, em função de um documento dela que não achavam. Foi todo mundo embora e ela ficou. Mas hoje, ela escuta no jornal, por exemplo, “Granja Comary” e diz: “Eu estava lá!” Essa experiência, isso é que eu digo pra ela, não importa o resultado que terá. Essa experiência de ter estado lá, ninguém tirará dela. Esses 15 dias que ela passou lá, toda essa experiência, pra ela, foi bem legal.

S.A. – E como a família reagiu?

K.S. – É que a família sempre a incentivou, sempre a deixou livre para fazer o que ela realmente gostava que é jogar bola. A ida foi só como uma realização mesmo, imagina, uma menina começando a jogar campo, sem tamanho, sem altura e aí foi lá e a primeira é sub-15, que ela jogou, mas foi uma oportunidade e aí no ano passado ela jogou com a equipe adulta do Pelotas⁷, conseguiu entrar em campo algumas vezes, jogando com as meninas.

S.A. – E como é que é a mobilização de vocês, da família, para acompanhar treinos, competições, para dar esse apoio para ela dentro do esporte?

K.S. – Nós tentamos fazer, dentro das nossas limitações, como trabalho de um... Estudo do irmão, que ajuda muito nesta logística de levá-la e buscá-la de treino. Se não fosse ele, seria bem complicado. Então o pai quando pode, leva. Eu quando posso levo. Quando o irmão... Ela não anda sozinha, nunca, até por... Então a gente sempre se mobiliza da forma que dá.

⁶ Confederação Brasileira de Futebol.

⁷ Esporte Clube Pelotas.

P.J. – Tu falaste que ela jogou no Gonzaga, depois no Paulista e no Centro Português...

K.S. – No Centro Português ela jogava só de “brincadeira”, entendeste? Pois ela nunca jogou pelo Centro Português, até porque ela ainda não tinha a idade dos meninos. Quando ela estava completando a idade para jogar no Centro Português, ela começou a jogar no Pelotas. Ela teve que parar de jogar no Centro Português, em função de se machucar, porque ela passava toda a tarde jogando no Centro Português com os meninos. Ela jogava a tarde inteirinha. Hoje o Marcos coloca que, por exemplo, as meninas hoje, com o Marcos treinam quatro vezes por semana. A Luana está treinando duas em função dos estudos. As outras meninas estudam pela manhã e a Luana estuda à tarde ainda. Então ela faz academia duas vezes por semana, sem o treino junto com as meninas e treina no sábado e no domingo. Todos os sábados e domingos. Então, elas não têm final de semana para poder viajar, não têm isso. Elas sabem que todo o sábado à tarde, todo o domingo de manhã têm treino. E outra, no Paulista mesmo, ela nunca poderia participar, por ser menina. Então ela jogava, ela treinava, mas em competições ela não podia jogar. Só podia em amistosos. Porque não existia categoria de time misto. A gente está fora já algum tempo, daqui a pouco muda. Então ela não podia entrar para jogar em competição porque era jogo de meninos.

S.A. – E quando ela entrava para jogar, havia algum burburinho? Vocês escutavam alguma coisa?

K.S. – Quando ela jogava no Paulista, ainda, no salão, teve um dos jogos contra uma escola que ela começou a fazer um gol atrás do outro, vários gols. Porque a princípio, o pessoal olha e diz: “Uma menina jogando” e já começam... Quando começaram a vê-la jogar, os próprios pais dos meninos do outro time torciam por ela. Pois achavam bonito, por ela ser uma menina. Uma vez eu ouvi uma mãe dizer assim: “Oh, uma menina jogando. E mulher é assim, quando quer fazer uma coisa, faz e faz bem feito”. E ela tinha ido torcer para o time oposto. Uma vez a Luana fez uma entrevista para a Nativa⁸, sobre preconceito, muito legal a reportagem. Tem no “youtube”. Nós não sofremos muito com preconceito. Eu escuto muito das outras mães que sofreram com isso, meninas de Quaraí⁹,

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

de cidade pequena. Essa coisa de falarem muito. A gente não passou muito por isso pois sempre a valorizaram. As pessoas que a viam jogar achavam bonito o jeito dela jogar. Então, isso foi valorizado e a gente não teve a outra parte, que é o preconceito. A gente nunca a privou. Como, por exemplo, menino não pode brincar de boneca e menina não pode jogar futebol, isso nunca aconteceu.

P.J. – E em relação às escolinhas, como é que é o investimento de vocês em relação a essa parte financeira, mais burocrática da carreira da Luana.

K.S: Nós, realmente, não temos ajuda. Esse ano que o Marcos está pensando em fazer, a gente ainda não têm isso, um patrocinador individual. Pois ele quer que esse patrocinador ajude nesse custo de ônibus das meninas, de elas precisarem de uma chuteira. Elas até esse ano, agora, algumas já conseguiram patrocínio, não tinham. Então é tudo da gente mesmo para viagens ou por meio de rifas. Realmente da gente que sai normalmente. O Marcos procura muito ajuda. Mas...

S.A. – Vocês que estão no meio dessas competições, desse meio de meninas querendo jogar bola, talvez elas estejam perspectivando isso como profissão. Quais as maiores dificuldades que vocês veem?

K.S – Parece que todos, eu acho que é o tempo também, acho que está melhorando mas acho que ainda falta bastante. Pois todos os outros esportes têm masculino e têm feminino. Nós vemos que, no feminino, tem pouca valorização. Se a gente for comparar um salário, tu não vês uma história de futebol feminino. É pouca coisa. É como se tu estivesse lutando. Ela gosta de futebol, acredita, no entanto, infelizmente, nós não vemos isso como um potencial como têm os meninos. O menino cresce, está num time grande. O que nós vemos de times grandes femininos hoje? Então agente fica meio no meio da estrada.

S.A. – Alguma vez ela pensou em desistir?

K.S. – Não.

S.A. – Alguma vez vocês pensaram em dizer...?

K.S. – Não.

S.A. – A gente deixou de perguntar alguma coisa, você gostaria de compartilhar mais alguma coisa conosco, complementar?

K.S. – Não, acho que é isso.

P.J. – Eu tenho mais uma pergunta. Alguma coisa do futebol a marcou ou te marcou, como mãe, que tu gostaria de destacar?

K.S. – Acho que a saída dela para a seleção foi muito complicada. Foi bem complicada, em termos de tu largares uma filha com 11 anos *sozinha*. Se eu pudesse ter ido junto, mas não. Depois na volta, ela veio com o treinador deles porque ela, como tinha 11 anos, não podia viajar sem um acompanhante. Quando chegou ao balcão de embarque, nós pagamos uma taxa para a aeromoça acompanhar ela. Colocaram o documento dela dentro de um envelope que se carrega no pescoço, para ser identificada como menor de 12 anos. Na volta, ela me ligou no aeroporto, e disse: “Mãe, tu não mandou a minha certidão de nascimento original?” Eu digo que com certeza eu mandei as duas. Mas ela não achava e o Marco da seleção perguntava onde estava e procurava. Eu disse que tinha mandado uma pasta com todos os documentos dela. Ele disse que procuraria lá. E o tempo passando. Ela disse que estava ficando nervosa. Aí as meninas foram todas embora e ela ficou com ele lá. [choro] Isso foi bem difícil. Pois o documento estava dentro daquele envelope, no crachá da Gol¹⁰. Mas ninguém atinava. Só nos damos conta quando ela chegou. O rapaz, esse treinador, disse assim: “Eu não posso liberar ela *sozinha*. E a gente não poderá embarcar nesse voo, a gente vai ficar.” Aí tu imaginas, a gente pegou uma van e foi para Porto Alegre com a família da Rubi¹¹, que é a goleira daqui de Pelotas. O Marco disse: “Não, eu vou com ela, acompanho ela”. Ele ficou de acompanhar ela. Nós estávamos no Aeroporto Salgado Filho e eles estavam chegando e ela me mandou mensagem: “Mãe, eu tô chegando”. A gente correu para porta, quando chegamos lá em baixo, uma moça me disse: “Não, senhora, o aeroporto está fechado, hoje não vai mais descer nada”. Eu digo: “Como

¹⁰ Companhia Aérea.

¹¹ Rubiani Helvic Klug.

assim? Onze horas da noite. A minha filha está dentro do voo.” A moça disse: “Não, o avião que estava vindo retornou para o Aeroporto de Guarulhos.” Aí sim... Eu tinha que manter a calma. E o pai da menina dizia para eu me acalmar. Claro que eu sempre tentei manter a calma, mas nem ela sabia que estava voltando para Guarulhos. Fechou o aeroporto porque estava com muita serração. Aí, tu imaginas, ela passar a noite lá com uma pessoa que tu não tem a menor noção... Tens que botar nas mãos de Deus. Isso foi bem complicado. Ele chegou, e disse assim: “Estou te entregando teu bem maior, eu sei que é.” Foi a parte mais complicada.

S.A. – Agora me ocorreu... E se acontecer em algum momento ela ser convocada para a seleção, ou algum time vir e querer contratá-la e ela tivesse que largar tudo?

K.S. – Se ela quiser tranquilo. Porque a gente pensa assim: os filhos são do mundo e eu acho que não temos o direito de tirar qualquer oportunidade, nenhuma. Se ela disser que o que ela quer mesmo é o futebol, que seja uma escolha pessoal, que ela não esteja sendo influenciada. Ela tem que querer. Enquanto ela disser que quer, eu não vou impedir. Pois tu não vais ir a um treino, correr atrás da bola, fazer um gol, se não queres. Então depende dela.

P.J. – E como é para vocês enquanto família ver ela em campo, jogando, fazendo gols. Como vocês se sentem em relação a isso?

K.S. – É o máximo. Ela pequena, atuou muito pouco, e é cobrada. Às vezes, ela chega e diz que jogou mal. Eu como mãe não consigo, nunca, ver isso. Eu sempre acho que foi muito bom, mas ela é bem cobrada. Então quando ela faz gol, não adianta. Teve um último jogo que a gente foi, em Tapes¹². Ela entrou no segundo tempo e ainda fez gol, era dia das mães. Ela tentava muito... Jogou, chutou muito a gol e não entrava a bola no gol. Elas já haviam perdido de manhã no salão, elas não, as meninas maiores, elas ganharam de seis a zero e ela tinha feito um dos gols, ela fez um coração gigante para mim no campo. Então eu sinto apreço. Acho que esses momentos, cada momento que a gente vive, essas coisas que valem a pena na vida da gente, na vida dela. O que vai ser amanhã, a gente não sabe. A

¹² Município do estado do Rio Grande do Sul.

gente não sabe se amanhã ela vai dizer que não quer mais. Tranquilo. Pois é a vida dela e seja o que Deus quiser.

S.A. – Então em meu nome e em nome do Centro de Memória do Esporte a gente agradece.

K.S. – Eu acho que é isso que vai fazer com que o futebol feminino cresça. Esse monte de gente envolvida, lutando muito. E uma luta, por que as pessoas parecem que têm que mostrar. Por favor, mostrar o quê? Se existem mulheres que querem jogar futebol porque existe tanta resistência? Então eu que agradeço vocês.

[FINAL DA ENTREVISTA]